HISTORIOGRAFIA E IDENTIDADE URBANA NO SUL DE SANTA CATARINA (DÉCADA DE 1970)

Dorval do Nascimento[1]

Resumo: Busca-se refletir sobre as relações da historiografia com a memória oficial e a identidade urbana, tomando-se como centro da análise um conjunto de obras produzidas no Sul de Santa Catarina na década de 1970. Esse período é considerado fundamental no processo de transformações identitárias pelas quais passavam as cidades da região carbonífera do Estado. De certa forma, pretende-se refletir sobre as inflexões na identidade urbana a partir da historiografia local.

Palavras-chave: historiografia, memória, identidade, cidade.

Abstract: The aim of this work is to reflect the relations of the historiography with the official memory and the urban identity, taking as center of the analysis a set of workmanships produced in the South of Santa Catarina in the 1970 decade. This period is considered basic in the process of identity transformations in which the cities of the carboniferous region were going through. In a certain way there is an intention to consider the inflections of the local historiography in the urban identity.

Key-words: historiography, memory, identity, city.

As cidades da região carbonífera de Santa Catarina se formaram a partir de um duplo registro, aquele da imigração que forneceu o núcleo inicial de povoamento e o da indústria de extração de carvão mineral que moldou por longos anos as suas identidades urbanas e conformou uma cidade que podemos chamar de carbonífera. No cruzamento desses dois registros forjaram-se lutas de representações que implicaram em um redimensionamento das identidades urbanas das cidades em questão. Tomando Criciúma, a cidade pólo da região, como campo de observação e a produção historiográfica local como ponto de partida, busca-se compreender o papel exercido por essa historiografia no processo de afirmação de uma identidade urbana articulada as noções de etnia e etnicidade, que valorizavam os imigrantes

[1] Doutor em História (UFRGS), professor do curso de história da UNESC, realizou aperfeiçoamento na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales - EHESS (2005-2006). É líder do grupo de pesquisa *Cidade, Espaço e Cultura* (UNESC) e membro do grupo de pesquisa *Cidade e Cultura* (UFRGS). É autor do livro *As Curvas do Trem - A Presença da Estrada de Ferro no Sul de Santa Catarina* (Criciúma: UNESC, 2004), além de artigos e capítulos de livros. E-mail: dna@unesc.net

e o imaginário da imigração. Analisar-se-á algumas obras da década de 1970, período em que essas cidades, em especial Criciúma, passavam por um processo de rearticulação de suas identidades urbanas e buscavam na história os elementos fundadores de outra *urbe*.

O período compreendido pela década de 1970 pode ser entendido como uma conjuntura propícia a comemorações e criação de memória histórica, tal como Catroga (2001, p. 61-62) analisou o período do chamado comemoracionismo português em fins do século XIX. Neste período, para Criciúma, se escreveram as obras modelares de sua história-memória oficial e se instituíram ritos, que atravessaram os anos e estabeleceram uma nova identidade urbana centrada na etnicidade. Se seguirmos a nomenclatura de Michael Pollak (1989, p. 09), foi um período de intenso *trabalho de enquadramento* da memória. Pollak (1989, p. 04) lembra que, se é necessário analisar como a memória se solidificou e criou uma durabilidade e estabilidade, a investigação precisa se interessar pelos processos de formalização das memórias e seus atores. Entre estes últimos, Pollak (1989, p. 10) cita, de forma privilegiada, os "profissionais da história das diferentes organizações de que são membros, clubes e células de reflexão". Em nosso caso, os historiadores da cidade, que fazem um trabalho de enquadramento de sua memória. Catroga, também lembra essa relação entre a historiografia e a memória – especificamente a urbana, objeto de nossa pesquisa – ao afirmar que:

> A historiografia, com as suas escolhas, valorizações e esquecimentos, também gera a 'fabricação' de memórias, pois contribui, através do seu cariz narrativo e da sua cumplicidade, directa ou indirecta, com o do sistema educativo, para o apagamento ou secundarização de memórias anteriores, bem como para a refundação, socialização e interiorização de novas memórias (CATROGA, 2001, p. 57).

O texto historiográfico é, dessa forma, um demarcador do passado e provocador de efeitos performativos sobre o presente, já que "marcar um passado é dar, como no cemitério, um lugar aos mortos, é permitir às sociedades situarem-se simbolicamente no tempo, mas é também um modo subliminar de redistribuir o espaço dos possíveis e indicar um sentido para a vida" (CATROGA, 2001, p. 44). Ao dizer o texto, o autor institui o discurso autorizado no mundo social através do reconhecimento daquilo que enuncia:

> O *auctor*, mesmo quando só diz com autoridade aquilo que é, mesmo quando se limita a enunciar o ser, produz uma mudança no ser: ao dizer as coisas com autoridade, quer dizer, à vista de todos e em nome de todos, publicamente e oficialmente, ele subtrai-as ao arbitrário, sanciona-as, santifica-as, consagra-as, fazendo-as existir como dignas de existir, como conformes à natureza das coisas, 'naturais' (BOURDIEU, 1989, p. 114).

Texto historiográfico, profissionais da história, historiografia. A análise de obras historiográficas da década de 1970 nos permitirá estabelecer relações entre os discursos sobre o passado e a identidade urbana que se construía no período. Estas obras podem ser classificadas dentro daquele conjunto que Cristina Scheibe Wolff (1994) chamou de *história local tradicional*. Elas possuem aquelas características que Peter Burke associou com a história tradicional, em comparação com a nova história, quais sejam, a apresentação dos fatos "como eles realmente aconteceram" em uma cadeia contínua de acontecimentos, especialmente acontecimentos políticos, depreendidos do fluxo do tempo através de documentos, sancionadores de que o fato 'realmente aconteceu' (BURKE, 1992). Acrescente-se que, nessas obras, em geral se trata de uma grande quantidade de acontecimentos e informações sem uma relação explícita entre si, a não ser a "localidade onde todos os eventos se passam". Entretanto, diz Wolff,

> Devemos ainda ressaltar que todas as críticas feitas a esta maneira de se escrever a história não a tornam menos importante, mesmo no momento atual. Em Santa Catarina, por exemplo, boa parte do conhecimento histórico sobre as diversas regiões só pode ser obtido em obras com este tipo de orientação metodológica (WOLFF, 1994, p. 07).

Para Criciúma, a atividades desses "historiadores" e as obras que produziram foram fundamentais para o despertar de uma certa valorização da história da cidade. Eles descobriram fontes, levantaram temas, coletaram informações, batalharam pelo passado, enfim, trilharam um caminho que, de certa forma, é o mesmo que trilhamos hoje. Destacam-se José Pimentel e Mário Belolli, cujas obras principais desse período serão analisadas. Pimentel nasceu em Aracruz/ES em 3 de março de 1915. Formou-se em Direito em 1943 e chegou na cidade em 1945. Foi presidente da associação local de empresários (1951) e

fundador do jornal *Tribuna Criciumense* (1955), além de vereador, no período 1947–1951, pela UDN (ZACHARIAS, 2000, p. 543-544). Mário Belolli nasceu em Criciúma em 9 de julho de 1939 e atuou profissionalmente como comerciário, formando-se posteriormente em Direto e História (ZACHARIAS, 2000, p. 450). A análise das obras nos permitirá relacionar o discurso sobre a história da cidade com a disputa em torno de sua identidade.

Mini biografia de um pioneiro: Marcos Rovaris

Esta obra foi o primeiro texto publicado em forma de livro sobre a história de Criciúma e é de autoria de José Pimentel e Mário Belolli, dois autores intensamente envolvidos com a história da cidade.

A obra foi escrita, segundo os autores, com o fim de conscientizarem as gerações contemporâneas e futuras da necessidade de reconhecer o trabalho de seus antepassados, já que "povo que não cultua seus antepassados [...] não sobreviverá". A história da cidade é vista com objetivo cívico, como uma matéria que visa formar os cidadãos e conscientizá-los de seu passado:

> A fim de atender às insistentes solicitações da mocidade criciumense – o maior capital que possuímos – resolvemos [...] dar à estampa pequena notícia sobre a vida de Marcos Rovaris (PIMENTEL; BELOLLI, 1971, p. 01).

Entretanto, há outro objetivo não muito explicitado pelos autores, mas bastante presente, que é o de dotar Criciúma de um desenvolvimento cultural corresponde ao seu desenvolvimento econômico. Há um contraste entre o crescimento econômico de Criciúma e sua condição cultural que precisaria melhorado, já que enfraquecia a cidade diante de outras no sul de Santa Catarina. A falta de conhecimento da história da cidade "produz péssima repercussão, colocando Criciúma junto as suas co-irmãs sulinas em situação melancólica" (PIMENTEL; BELOLLI, 1971, p. 01). Assim, a escrita da história da cidade tem um sentido de desenvolvimento cultural, "a fim de que possa ela [*Criciúma*] projetar-se, também, no cenário barriga-verde e nacional, como a capital cultural do sul catarinense" (PIMENTEL; BELOLLI, 1971, p. 02). Criciúma estava se tornando, em princípios dos anos 1970, na mais importante cidade do Sul de Santa Catarina, superando Tubarão que, desde as décadas de 1930 e 1940, havia se tornado a cidade principal.

Entretanto, cidade nova, de crescimento recente, com população maciçamente operária, Criciúma era caracterizada como uma cidade que não possuía cultura, o que precisava ser superado, aos olhos de sua elite intelectual (SORATTO, 2002).

A partir de vários indícios, percebe-se que a principal fonte do texto foi a oral. O termo "Reminiscências Criciumenses", presente como título na primeira página, remete, pela palavra reminiscência, "ao que se conserva na memória" e que pode ser conhecido, portanto, pela oralidade. Logo abaixo, na mesma página, como atribuição de autoria, aparece explicitamente a expressão "subsídios orais colhidos por José Pimentel e Mário Belolli". Também quando narra a ocupação dos municípios de Turvo e Jacinto Machado, referem-se a Ângelo Antonio Nichele, "que sempre residiu na cidade de Urussanga e com seus 85 anos continua lúcido, recordando com segurança, os primórdios da colonização do atual município de Jacinto Machado" (PIMENTEL; BELOLLI, 1971, p. 08).

Toda a obra é organizada a partir das funções referenciais de Marcos Rovaris, aquelas atividades a partir das quais pode-se falar em um personagem que vale a pena ser biografado. Essas funções referenciais são os subtítulos da obra e descrevem a personalidade e as realizações de Marcos Rovaris: Apoiador da educação (PIMENTEL; BELOLLI, 1971, p. 03); "Criador de progresso" (PIMENTEL; BELOLLI, 1971, p. 03 e 05); "Construtor de estradas" (p. 05); "O primeiro administrador de Criciúma" (PIMENTEL; BELOLLI, 1971, p. 07); "O colonizador" (PIMENTEL; BELOLLI, 1971, p. 07).

Marcos Rovaris é apresentado na obra como o exemplo máximo de imigrante italiano: empreendedor, líder político sobre quem não pairava nenhum deslize, primeiro superintendente municipal da cidade recém emancipada. Tudo isso lhe credenciou para ser apresentado como exemplo do tipo de pessoa que veio da Europa para o Brasil e modelo para as gerações contemporâneas, que desconheciam a história de sua cidade, e para a mocidade criciumense, "maior capital que possuímos". De fato, ainda que seja o ator histórico principal na obra, Marcos Rovaris atua a partir de um cenário montado por outros atores, que os autores nomeiam, basicamente, os pioneiros italianos, "extraordinários e indomáveis" (PIMENTEL; BELOLLI, 1971, p. 01), e os imigrantes italianos, alemães e poloneses, que "ensejaram o surto surpreendente de progresso da 'capital do carvão'"

(PIMENTEL; BELOLLI, 1971, p. 08). Dessa forma, através de suas qualidades, por "sua infatigável capacidade de trabalho, amor à terra adotiva..." (PIMENTEL; BELOLLI, 1971, p. 01), Marcos Rovaris, "um italiano de ampla visão" (PIMENTEL; BELOLLI, 1971, p. 01), é apresentado como exemplo típico de imigrante, fortalecendo certo imaginário da imigração que, na década de 1970, havia ganhado um espaço considerável.

Em 1980, a *Prefeitura Municipal* publicou uma segunda edição da obra, já no contexto das comemorações do Centenário de fundação da cidade (PIMENTEL; BELOLLI, 1980). Os subtítulos e a redação da primeira edição são a base para esta segunda edição. A diferença é que, além de uma edição mais bem cuidada, acrescentou-se inúmeras fotografias e reproduções de documentos. Este acréscimo na obra, em tão grande número, pode ser uma tentativa de retirar o seu caráter de oralidade e dar-lhe uma apresentação mais 'científica'. De fato as referências à oralidade, presentes na primeira edição, foram todas retiradas para a segunda edição.

Tímido ensaio biográfico: Giácomo Sônego

A obra busca fundamentar, através da vida exemplar de Giácomo Sônego, a contribuição dos imigrantes europeus para o crescimento da cidade de Criciúma:

> Município pujante, cidade que cresce vertiginosamente, não é possível retardar mais essa iniciativa, deixando às gerações que estão surgindo, o testemunho imperecível do que realizaram os valorosos imigrantes italianos, alemães e poloneses, que não mediram sacrifícios para que Criciúma fosse, o que hoje ostenta entre seus co-irmãos barriga-verdes (PIMENTEL; BELOLLI, 1972, p. 03).

A narrativa articula crescimento da cidade – imigrantes - carvão, e tem seu núcleo central no relato da descoberta do carvão mineral por um imigrante italiano e na utilização de suas terras como impulso para o desenvolvimento da cidade, pois "das férteis terras de Giácomo Sônego transbordou o veio rico do carvão, muito conhecido por 'ouro negro', dado em função de sua extraordinária importância" (PIMENTEL; BELOLLI, 1972, p. 16).

Se a primeira obra dos autores foi organizada a partir das fun-

ções do biografado, na presente obra são os fatos que organizam a narrativa, mais que as qualidades de Giácomo Sônego, ainda que essas também sejam importantes para reforçar a temática central, que é vincular progresso e imigração através do carvão mineral. A narrativa inicia com a partida da Itália e termina com a descoberta e exploração do carvão mineral nas terras de Sônego e seus vizinhos, demonstrando na prática a contribuição dos imigrantes para o desenvolvimento da cidade.

A capa do livro é extremamente reveladora das intenções que presidiram a feitura e publicação da biografia. É uma fotografia panorâmica do centro de Criciúma no início da década de 1970, com a seguinte frase abaixo: "Criciúma, a 'Capital Brasileira do Carvão', fundada por imigrantes italianos, em 6-1-1880, entre os quais Giácomo Sônego". A fotografia apresenta Criciúma como uma cidade grande e moderna, que teve seu crescimento baseado no carvão mineral, demonstrado através da utilização do lema oficial da cidade. Entretanto, Criciúma foi fundada por imigrantes italianos, e é a importância desse grupo que o livro quer ressaltar. Giácomo Sônego, como personagem exemplar, é aquele que une imigração e carvão, através da descoberta do mineral em suas terras. Por intermédio da narrativa, se mostra que foram os imigrantes, representados por Sônego, que afinal propiciaram as condições para que Criciúma se desenvolvesse. Há uma linha de raciocínio que articula Criciúma a crescimento, passando pelo vínculo entre carvão – imigrantes italianos – Giácomo Sônego. Como imigrante modelo, Sônego sintetiza a cidade como fruto das atividades dos imigrantes através do carvão. O relato da descoberta do carvão mineral por Giácomo Sônego tornou-se um dos relatos fundadores da cidade.

A biografia de Sônego é apresentada de modo a reforçar o objetivo da obra, que é explicar o crescimento da cidade a partir da contribuição dos grupos de imigrantes, especialmente o italiano. Sônego é apresentado como pioneiro e fundador da colônia de Criciúma, "unindo-se a dezenas de famílias que faziam parte das pioneiras levas imigratórias do sul catarinense, cuja leva fundou a colônia de Criciúma, a 6 de janeiro de 1880" (PIMENTEL; BELOLLI, 1972, p. 09) e descobridor do carvão: "Nas suas longas caminhadas, usava uma de cada vez [*suas mulas*], até que um dia, ao esconder um dos animais, acabou descobrindo 'carvão'" (PIMENTEL; BELOLLI, 1972,

p. 09). A partir daí tornou-se uma autoridade importante, já que com o carvão o lugar passou a ter importância, despertando o interesse de autoridades nacionais e estaduais, "que passaram a freqüentar sua modesta residência" (PIMENTEL; BELOLLI, 1972, p. 09). Desta forma, Sônego – e com ele os imigrantes – é o propiciador do desenvolvimento da cidade, por intermédio da descoberta do carvão (p. 09; p. 16-17) e da assinatura de contrato para exploração do carvão mineral em suas terras e adjacências (PIMENTEL; BELOLLI, 1972, p. 13) e transcrição do contrato (PIMENTEL; BELOLLI, 1972, p. 19-20):

> A partir desta data [*da visita do engenheiro Paulo de Frontin as terras de Sônego e da fundação da CBCA, primeira companhia carbonífera da cidade*], famílias inteiras deixavam as localidades vizinhas e transferiram-se para o distrito de Criciúma, município de Araranguá. Igualmente acontecia com vários colonos de Criciúma, que deixavam sua agricultura e mudavam-se para os trabalhos da mineração (PIMENTEL; BELOLLI, 1972, p. 14).

Como um dos relatos fundadores da cidade de Criciúma e que busca explicar as suas origens, a narrativa da descoberta do carvão mineral por Giácomo Sonego, base de sua biografia, é exemplar para entender o papel que a historiografia exerce no estabelecimento de memórias, no caso para a memória urbana, geradora de identidades. No dizer de Catroga,

> A historiografia também funciona como fonte produtora (e legitimadora) de memórias e tradições, chegando mesmo a fornecer credibilidade cientificista e novos mitos e (re)fundação de grupos e da própria nação (reinvenção e sacralização das origens e de momentos de grandeza simbolizados em 'heróis' individuais e coletivos) (CATROGA, 2001, p. 50).

Criciúma – amor e trabalho

O livro (PIMENTEL; BELOLLI, 1974) possui duas partes. A primeira intitulada *Criciúma – amor: apontamentos para uma História de Criciúma*, de autoria de José Pimentel e Mário Belolli, e a segunda *Criciúma – trabalho*, escrita por Hélio dos Santos Corrêa e Agostinho da Silva e tratando mais de aspectos da estrutura urbana e econômica

do município. Vamos explorar a primeira parte, que é um relato da história da cidade.

Essa é a primeira obra que busca apresentar de forma sistemática a história de Criciúma, anunciada como uma necessidade desde a apresentação da biografia de Giácomo Sônego. Entretanto, diante das dificuldades de tal empreitada, os autores buscam minimizar o texto que apresentam ao público, colocando a palavra "apontamentos" no título para frisar o caráter incompleto do texto (PIMENTEL; BELOLLI, 1974, p. 09), cujas lacunas devem ser preenchidas posteriormente "para as celebrações do centenário". Lamentam também a ausência de documentos escritos, sobre os quais basearia sua história, e apontam as perseguições aos imigrantes e descendentes, com destruição de registros, por ocasião da Segunda Guerra como causa desta ausência. Também deploram a necessidade que tiveram de utilizar a fonte oral, "processo que normalmente deixa muito a desejar", para substituir a ausência de documentos escritos. Talvez por isso exista no texto a reprodução de vários documentos escritos, como leis (de criação do distrito de paz, de criação do município, etc), cartas, atas, jornais, discursos, etc. A presença de documentos escritos atestaria a autenticidade das informações históricas narradas na obra. Também as fotografias são ilustrativas, como as da biografia de Sônego. E são ainda mais, ilustram os acontecimentos, como prova de que eles efetivamente aconteceram, e da maneira como os textos da obra os narram. As imagens estão no mesmo nível do documento escrito, isto é, são apresentadas como provas que garantem a confiabilidade dos fatos narrados na obra. Porém, diferentemente dos documentos escritos reproduzidos na obra, parecem não ser utilizadas como fonte de informações para compor a narrativa.

Os principais atores históricos que o texto apresenta são os grupos étnicos, alguns indivíduos importantes e algumas instituições, sendo os primeiros os mais relevantes. Os autores seguem o esquema que Pimentel defendia desde 1955,[2] de considerar como imigrantes e grupos étnicos os imigrantes e descendentes de italianos, alemães e

[2] PIMENTEL, José. Monumento ao Imigrante. *Tribuna Criciumense*, Criciúma, 01/08/1955, p. 1 e 4. Neste texto, os imigrantes estão identificados como sendo "vários contingentes de imigrantes, italianos em sua grande maioria, de poloneses e de alemães".

poloneses. São esses grupos os atores privilegiados na obra e é a partir deles que a história da cidade se organiza. Aliás, os grupos são apresentados como ocupantes de áreas definidas da cidade, de tal forma que mesmo espacialmente a cidade se articula a partir da ocupação do espaço tornado urbano pelos grupos imigrantes.

Dos três grupos, o mais importante é o dos imigrantes italianos, apresentados como "pioneiros habitantes de Criciúma" e responsáveis pelo "desbravamento e colonização da atual área urbana e periférica" (PIMENTEL; BELOLLI, 1974, p. 14). São reconhecidos como os "primeiros colonizadores de Criciúma" (PIMENTEL; BELOLLI, 1974, p. 15). Sua história é apresentada como uma atividade civilizatória cheia de coragem e perigos, notadamente pela presença de animais selvagens e indígenas, "arrostando imensos perigos, não só pela falta total de estradas, como, ainda, expondo-se aos ataques de animais ferozes e dos silvícolas, que acompanhavam, assiduamente, as pegadas desses homens destemidos" (PIMENTEL; BELOLLI, 1974, p. 15). Eles reproduzem o relato da morte de Domingos Sônego, publicado originalmente na biografia de Giácomo Sônego, e afirmam que o indígena "matreira e silenciosamente se achava postado atrás de uma árvore" e traiçoeiramente atingiu o imigrante (PIMENTEL; BELOLLI, 1974, p. 16).

Os imigrantes alemães são apresentados como fundadores de Forquilhinha, atualmente município, porém, por muitos anos, pertencente à Criciúma, apesar de existirem na área famílias de origem luso-brasileira, remanescentes de imigrações anteriores e migrações da área litorânea e de outros estados. Quando os autores caracterizam esses últimos grupos, que no contexto da obra poderíamos chamar de "brasileiros". Eles afirmam que, "no passado, Forquilhinha foi uma localidade pobre, de muitos e pequenos casebres, de população lusa que não era dona das terras, pertencentes a grandes sesmeiros" (PIMENTEL; BELOLLI, 1974, p. 14). Diante disso, a presença dos imigrantes alemães é louvada na narrativa pelas transformações positivas que provocou no lugar:

> O aspecto econômico, social e religioso se alterou por completo, quando em 1911, para ali se movimentou, rapidamente, uma corrente imigratória alemã. [...]. A colônia desenvolveu-se logo, quer pela fertilidade das terras, quer pelo espírito de trabalho e coragem daqueles bravos colo-

> nizadores. É notória a união agrícola e industrial daquelas famílias, bem como a instituição imediata da escola (PIMENTEL; BELOLLI, 1974, p. 14).

Nesse contexto de afirmação de uma vida econômica e cultural superior, Paulo Evaristo Arns, na época Arcebispo de São Paulo, representa o maior exemplo dos "inúmeros filhos ilustres" de Forquilhinha, "sendo o de maior proeminência" (PIMENTEL; BELOLLI, 1974, p. 14), como que para atestar o sucesso da colonização alemã e européia na cidade.

Os imigrantes poloneses são apresentados como fundadores do "primeiro núcleo de colonização, na zona leste – nordeste do município, compreendido pelas localidades de Linha Batista, Linha Anta e Linha Cabral" (PIMENTEL; BELOLLI, 1974, p. 14). É o menor relato dentre os três grupos. Destacam-se apenas fatos históricos como data de chegada e movimentações de partida. Além disso, são destacadas a construção da igreja católica e a vinda de um sacerdote polonês (PIMENTEL; BELOLLI, 1974, p. 14).

O livro é organizado a partir das seguintes temáticas: Colonização, o tema mais importante; História Política e Administrativa, Carvão, História Econômica e Instituições, sendo os três últimos temas tratados como uma espécie de "história dos primeiros". Em cada uma das temáticas, com exceção da primeira, são relacionadas personalidades proeminentes que contribuíram para o desenvolvimento da cidade, num desfilar incessante de personagens destacados pelos autores.

Em 1977, a *Prefeitura Municipal de Criciúma* relançou a obra com o mesmo título, porém com algumas alterações (CRICIÚMA, 1977). A obra se divide em duas partes, a primeira, intitulada *Aspectos históricos* e a segunda parte *Aspectos administrativos*, com informações sobre a atuação do governo municipal no mandato de Algemiro Manique Barreto (1973 – 1976), promotor da obra. A primeira parte da obra é uma reprodução daquela de 1974, com uma redação ligeiramente diferente e a ausência de algumas matérias. A seleção destas matérias da obra de 1974 para constar na obra de 1977, permite-nos identificar, dentre aquele material, quais os conteúdos que os autores julgavam mais apropriado para constar na história de Criciúma: 1) O relato da ocupação do município pelos grupos de imigrantes; 2) Os acontecimentos vinculados com a situação administrativa (criação do

Distrito de Paz, do Município e da Comarca); 3) Relato de instituições ou atividades pioneiras (Hospital, Matriz, descoberta do carvão, primeira carbonífera, chegada da estrada de ferro, etc). Na verdade, a lógica de organização do material histórico foi mantida: 1) Imigração; 2) História Administrativa; 3) História "dos inícios".

As noções de *herança* e *dívida* estão constantemente presentes na construção do lugar da imigração e dos imigrantes na história da cidade pela historiografia local. A cidade é apresentada como um patrimônio legado pelas primeiras gerações as gerações contemporâneas dos autores. Diante disso, e em vista do patrimônio recebido, as gerações contemporâneas têm uma dívida para com os imigrantes, a ser paga por um trabalho realizado no início da história da cidade. No entanto, a consciência dessa dívida como memória acaba por alterar as relações sociais, culturais e políticas que existem na cidade naquele momento.

De fato, a valorização dos imigrantes e da imigração nas obras historiográficas do período valorizava em especial aquelas famílias que descendiam dos imigrantes italianos fundadores do núcleo colonial, e os descendentes de italianos em geral, fortalecendo sua posição social e cultural nas relações presentes na cidade, além de outros descendentes de imigrantes de origem européia. A historiografia local foi mobilizada na criação de uma determinada memória oficial, que teve um papel fundamental na identidade urbana, que então se forjava.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: EdUNESP, 1992.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

CRICIÚMA. *Criciúma: a*mor e trabalho. Criciúma: Prefeitura Municipal, 1977.

PIMENTEL, José; BELOLLI, Mário. *Mini biografia de um pioneiro*: Marcos Rovaris. Criciúma: Edição dos autores, 1971.

_____. *Tímido ensaio biográfico*: Giácomo Sônego. Criciúma: Gráfica Líder, 1972.

_____. *Criciúma:* amor e trabalho. Itajaí: Edições Uirapuru, 1974.

_____. *Mini biografia de um pioneiro*: Marcos Rovaris. 2ª edição modificada e ampliada. Criciúma: Prefeitura Municipal, 1980.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos,* Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03–15, 1989.

SORATTO, Delotide Cristina Flores. *Poderes locais e a implantação da Diocese de Tubarão (1940 – 1960)*. 2002. Florianópolis: UFSC. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História). Florianópolis.

WOLLF, Cristina Scheibe. Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate. *Revista catarinense de história,* Florianópolis: Editora Terceiro Milênio, n. 2, p. 05–15, 1994.

ZACHARIAS, Manif. *Criciúma*: vultos do passado e personalidades contemporâneas. Criciúma: Edição do autor, 2000.

Artigo recebido em agosto 2007 e aceito para publicação em novembro 2007.